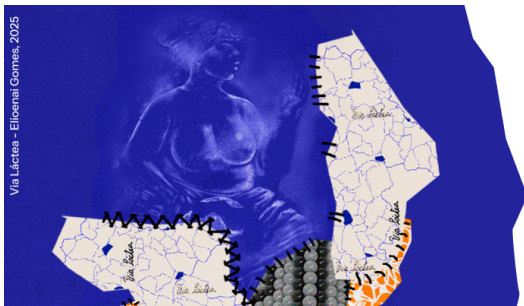




ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO INFANTIL: APROXIMAÇÕES A PARTIR DA ESTÉTICA RELACIONAL

CONTEMPORARY ART AND PRESCHOOL: APPROACHES FROM THE PERSPECTIVE OF RELATIONAL AESTHETICS

Eduardo Silveira San Martins¹
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Kayla Silva de Santana²
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Resumo: Este artigo analisa as conexões entre a Estética Relacional de Nicolas Bourriaud e as práticas artísticas na Educação Infantil, destacando a valorização da experiência e da relação na arte contemporânea. A partir de conceitos como arte relacional, espaço-tempo de troca e gesto como ato de relação, discute-se a infância como território legítimo de produção simbólica, sensível e crítica. A pesquisa dialoga com obras de artistas contemporâneos e autores que reconhecem a criança como sujeito ativo, ressaltando o potencial da arte para promover a convivência, a invenção e a construção de sentidos. Conclui-se que essa aproximação amplia a compreensão da arte na escola, propondo uma pedagogia que valorize processos coletivos.

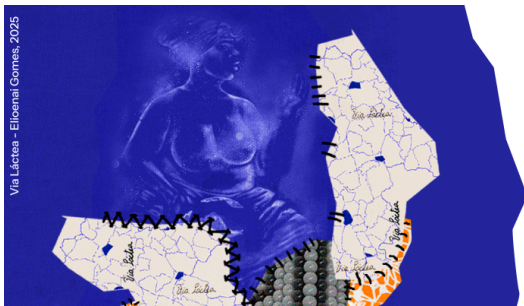
Palavras-Chave: Estética Relacional. Arte Contemporânea. Educação Infantil.

Abstract: This article analyzes the connections between Nicolas Bourriaud's Relational Aesthetics and artistic practices in Preschool, highlighting the emphasis on experience and relationships in contemporary art. Based on concepts such as relational art, space-time of exchange, and gesture as an act of relation, it discusses childhood as a legitimate territory for symbolic, sensitive, and critical production. The research engages with works by contemporary artists and authors who recognize the child as an active subject, emphasizing art's potential to promote coexistence, invention, and meaning-making. It concludes that this approach broadens the understanding of art in schools, proposing a pedagogy that values collective processes.

Keywords: Relational Aesthetics; Contemporary Art; Preschool.

¹ Graduando em Artes Visuais - Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: eduardosilveirasanmartins@gmail.com

² Graduanda em Artes Visuais - Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: kaylassantanafurg@gmail.com

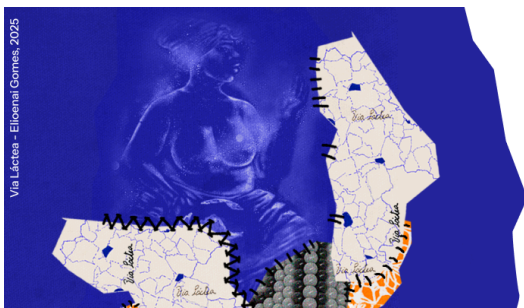


1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão sobre as aproximações entre a arte contemporânea, especialmente a partir da perspectiva da Estética Relacional de Nicolas Bourriaud, e os modos de fazer artístico presentes na Educação Infantil. Partindo do entendimento de que a arte contemporânea desloca o foco do objeto para a experiência, da contemplação para a relação, buscamos discutir como esses princípios encontram ressonância nas manifestações expressivas das crianças, reconhecendo nelas não apenas formas de criação estética, mas também potências de convivência, sensibilidade e invenção.

No contexto atual da educação, em que ainda predominam abordagens que tratam a produção infantil como etapa preliminar ou como atividade ilustrativa, surge o problema central deste estudo: como a Estética Relacional pode dialogar com a criação infantil e repensar o lugar da arte na escola? O objetivo é compreender as ressonâncias entre arte contemporânea e infância, reconhecendo a criança como sujeito ativo na produção de sentidos. As questões que orientam a investigação são: de que forma conceitos como arte relacional, espaço-tempo de troca e gesto como ato de relação se aproximam das práticas infantis, e que contribuições oferecem à arte/educação.

A pesquisa é de caráter teórico-reflexivo, baseada em revisão bibliográfica e análise de obras de artistas contemporâneos, em diálogo com autores da arte/educação. Ao longo do texto, são discutidos os principais conceitos de Bourriaud (1998), como arte relacional, espaço-tempo de troca e gesto como ato de relação. Esses elementos são colocados em diálogo com autores e autoras presentes no livro *Arte Contemporânea e Educação Infantil*, organizado por Susana Rangel Cunha e Rodrigo Saballa de Carvalho, cujas contribuições fortalecem a leitura da infância como campo de criação e de experiência estética ampliada. Também são analisadas, a partir desses referenciais, obras de artistas contemporâneos como Rirkrit Tiravanija, que propõe experiências coletivas, e Regina Ohlweiler, cuja pintura convoca o imaginário e a sensibilidade do espectador.



2 DESENVOLVIMENTO

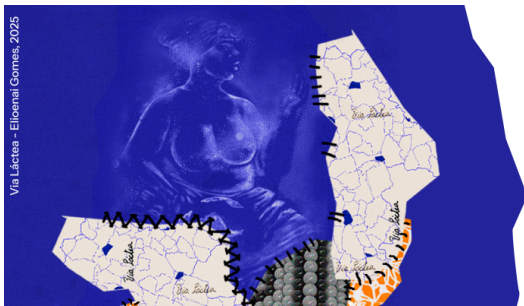
2.1 BOURRIAUD E ESTÉTICA RELACIONAL

Nicolas Bourriaud (1998) propõe que a arte pode ser compreendida como uma atividade voltada à criação de relações com o mundo por meio do uso de signos, formas, gestos ou objetos, desse modo rompendo com as formas tradicionais conhecidas, priorizando processos e múltiplas conexões. Ainda no início dos anos 1990, o conceito de uma estética voltada às interações humanas começou a ganhar espaço. Bourriaud cunhou, em 1995, o termo Estética Relacional e foi um dos primeiros a sistematizar essa prática emergente.

Assim, em *Estética Relacional*, o autor apresenta o conceito de “arte relacional”, “uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado” (BOURRIAUD, 1998, p. 19). A obra contemporânea não deve ser considerada um espaço a ser percorrido, ou seja, um território fixo, como um objeto espacial que o espectador deve explorar fisicamente ou visualmente, sem interferir ou transformar, mas sim uma duração a ser experimentada, se realizando ao longo do tempo, por meio de ações, encontros, processos e interações – ela não está “pronta” de antemão, é uma abertura para a discussão ilimitada.

Essa noção de obra como “duração a ser experimentada” encontra ressonância no pensamento de Henri Bergson (1999), para quem o tempo vivido — a duração — não é mensurável como o tempo cronológico, mas consiste em uma continuidade interior, qualitativa e indivisível. A duração é o fluxo da consciência, onde passado e presente se interpenetram continuamente, formando a base da experiência subjetiva. Nesse sentido, experimentar uma obra é também habitar um tempo próprio, atravessado por memórias, afetos e percepções em constante atualização, o que reforça a ideia da arte como experiência em devir, e não como objeto estático.

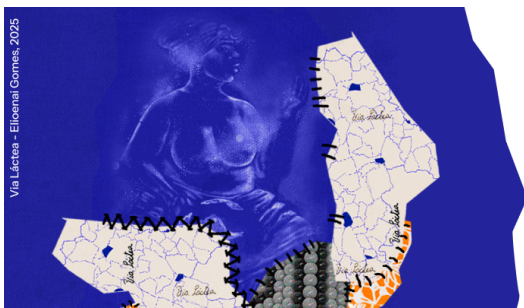
Pensar a obra contemporânea como um processo aberto — e não mais como um objeto fechado, com início, meio e fim como na obra moderna, que se apresentava



como um espaço autônomo e concluso — implica uma ruptura com a lógica da arte como produto acabado, destinado à contemplação passiva. Nesse sentido, a arte relacional propõe espaços-tempos de troca (BOURRIAUD, 1998), em que a experiência estética acontece nas interações, na presença e nas durações compartilhadas. Essa mudança de paradigma desloca o papel do espectador, que deixa de ser um observador distanciado para se tornar um participante ativo no processo de significação da obra. Nesse contexto, a arte contemporânea se aproxima do cotidiano, compreendido como um terreno fértil para a invenção e o encontro, onde os gestos comuns e as experiências ordinárias ganham potência estética.

Para Bourriaud (1998), a arte contemporânea só pode ser compreendida se considerarmos o estético como forma de relação sensível, o histórico como campo de referências vivas e o social como lugar de construção de vínculos e experiências. Logo, o autor propõe, ao refletir sobre o fazer artístico na contemporaneidade, uma abordagem fundamentada nessas três dimensões interligadas: o estético, o histórico e o social. Esses três eixos formam um tripé conceitual que orienta sua leitura da arte relacional e da produção artística atual, rompendo com a ideia da obra como algo isolado e autônomo. Esse tripé é fundamental para pensar o fazer artístico como ação situada, viva, e em constante diálogo com o mundo ao redor — não como produção de objetos autônomos, mas como criação de relações no tempo e no espaço.

Quando Rirkrit Tiravanija apresenta uma instalação participativa que consiste em uma cozinha montada dentro da galeria, onde o artista cozinhava e servia curry tailandês gratuitamente aos visitantes, ele parte de uma lógica relacional em que o foco não está no objeto artístico tradicional, mas na experiência vivida coletivamente. Na obra, Tiravanija transforma o espaço expositivo em um ambiente doméstico e acolhedor, desafiando as expectativas do público e propondo a arte como espaço de encontro e troca. Nesse contexto, a obra não se realiza por sua materialidade, mas sim pela convivência, pelo diálogo e pela participação que gera



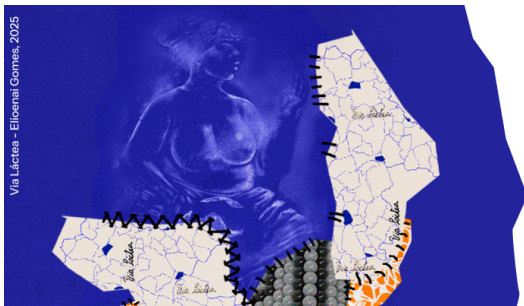
— aspectos que dialogam profundamente com os princípios da arte contemporânea e suas conexões com o fazer artístico na Educação Infantil.

Ainda que uma obra de Tiravanija não se furte à materialização, ela desconstrói os modos convencionais de constituição do objeto de arte, convertendo-o em uma série de acontecimentos e devolvendo-lhe uma duração própria, “que não é obrigatoriamente a duração convencional do quadro olhado” (BOURRIAUD, 1998, p. 76). Como afirma o próprio autor, “a obra de arte é uma ocasião para uma experiência sensível baseada na troca” (p. 80), o que exige uma presença dos espectadores — seja de forma efetiva ou simbólica — para que a obra se complete.

A obra deixa de ser um “espaço” fixo a ser visitado para tornar-se um tempo vivido, em constante transformação, atualizando-se na relação com o outro e com o mundo. Como afirma Archer (2001, p. 236), a arte contemporânea configura-se como “um encontro contínuo e reflexivo com o mundo”, ampliando a experiência estética para além do objeto e aproximando-a da vida cotidiana. É nesse mesmo horizonte que se pode pensar a experiência da infância, marcada pela curiosidade, pela experimentação e pela constante invenção de sentidos. Assim como a arte relacional, a infância opera por fluxos, afetos e deslocamentos, mobilizando o tempo e o espaço como campos abertos de criação. A criança, nesse contexto, não é receptora passiva, mas sujeito ativo que vivencia o mundo e, a partir dele, constrói suas manifestações expressivas (BERTASI, CARVALHO, 2017).

2.2 ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E APROXIMAÇÕES COM A ARTE CONTEMPORÂNEA

As crianças e a arte contemporânea naturalmente aproximam-se; elas constituem-se de matérias do acaso, de experiências e lembranças, de tempos-espacos próprios (BORGES, 2017), — ou seja, espacos-tempos relacionais (como propõe Bourriaud). Esses ambientes, que são produzidos pelas obras de arte (objetos estéticos) e pelos artistas (mediadores de experiências), são de experiência coletiva, onde o tempo e o espaco se transformam através da convivência, diálogo e participação, e não simplesmente locais ou momentos estáticos.

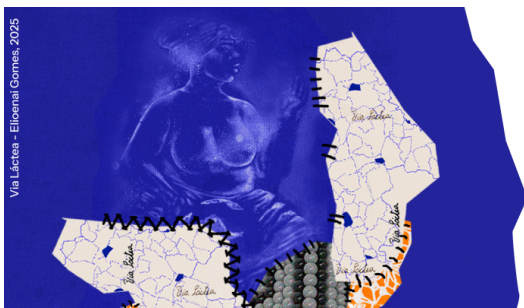


Essa afinidade entre crianças e arte contemporânea, fundamentada na partilha de tempos-espços relacionais e experiências coletivas, se revela de modo ainda mais claro quando observamos as matérias que as constituem: o acaso, as experiências e as lembranças. Esses elementos, longe de serem acessórios, formam a base sensível a partir da qual tanto a infância quanto a arte contemporânea operam. A seguir, exploraremos cada uma dessas matérias para compreender como elas possibilitam essa aproximação e como dialogam com a estética relacional proposta por Bourriaud.

As matérias do acaso referem-se aos elementos imprevisíveis e fortuitos que surgem espontaneamente no processo criativo ou na vivência. Na arte contemporânea, o acaso é valorizado como uma força produtiva que permite a abertura para o inesperado, rompendo com padrões rígidos e possibilitando novas formas de expressão. No contexto das crianças, o acaso é uma matéria-prima essencial para descobertas e invenções, aproximando suas experiências da dinâmica própria da arte contemporânea.

As experiências são as vivências sensoriais, emocionais e cognitivas acumuladas ao longo da vida, que fundamentam a formação do conhecimento e da subjetividade. Na arte contemporânea, a obra torna-se um espaço para novas experiências compartilhadas, onde o contato vivo e o “fazer junto” transformam o sujeito. Para as crianças, aprender e se expressar por meio da exploração sensorial e emocional é fundamental, o que as conecta diretamente à forma de fruição da arte contemporânea.

As lembranças compreendem as memórias afetivas e cognitivas que moldam a identidade e a compreensão do mundo. Na arte contemporânea, as lembranças são frequentemente resgatadas, remixadas ou subvertidas, criando diálogos entre passado e presente. Artistas e público trazem suas memórias para a experiência da obra, enriquecendo seu significado e aprofundando a interação. Para as crianças, ainda em processo de formação de memória, as lembranças constituem parte do repertório simbólico utilizado para criar e interpretar a arte. Essa dimensão temporal

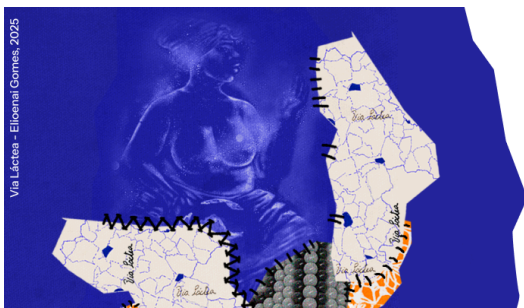


e relacional da obra, segundo Bourriaud, inclui a memória compartilhada como um elemento fundamental para a produção de sentido.

Acompanhando esse pensamento, ao trazer para o contexto educativo as obras de artistas contemporâneos como Bispo do Rosário e Zandavalli, Maria Eduarda Rangel (2017) evidência como a memória pode atuar como um eixo articulador entre a experiência estética e a construção de sentido pelas crianças. A autora aponta que, através de uma medição sensível e contextualizada, as crianças não apenas constroem aprendizados, mas também ativam suas próprias memórias — ainda em processo de formação — como ferramentas para dialogar com a obra e com o outro.

Para Bergson (1999), a memória verdadeira não é mera repetição de dados, mas uma reprodução viva do passado no presente, vinculada à “duração” — um tempo interno, subjetivo e contínuo. Essa perspectiva encontra eco na arte relacional de Bourriaud, que compreende a obra como uma experiência em devir, atravessada pela presença e pela relação. Quando crianças produzem artisticamente, suas lembranças — ainda não completamente subordinadas à lógica da utilidade — atualizam-se de modo afetivo e fragmentado. Assim, a memória torna-se matéria estética, acionando sentidos que não apenas recuperam o vivido, mas o reinventam na linguagem sensível da infância. Nesse entrelaçamento entre tempo, afeto e criação, memória e experiência se fundem como forças constitutivas do gesto artístico infantil.

A partir de Bourriaud (1998), que compreende a arte relacional estruturada em um tripé composto pelo histórico, social e estético, é possível entender que a memória das crianças se ativa nessa intersecção desses três eixos. O contato com as produções de artistas contemporâneos mobiliza o histórico, ao inserir a criança em narrativas culturais e simbólicas compartilhadas; a dimensão social é convocada a medida que as memórias podem dialogar com suas vivências, afetos e relações; e por fim o estético se manifesta como uma abertura sensível ao mundo, permitindo que a criança transforme essas referências em experiências subjetivas. Assim o ato de experienciar a arte torna-se um território para a constituição da identidade e

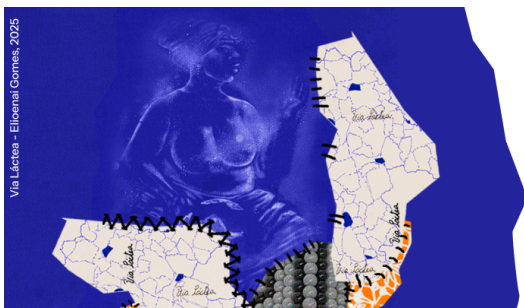


imaginação, onde a memória não necessariamente precisa se remeter somente ao passado, mas também atua como dispositivo presente na produção de sentidos.

“As crianças mostram que o sensível reside em cada detalhe, em cada momento e em cada olhar. Olhares sensíveis atrelados às suas experiências, às referências que cada uma estabelece, e que as constitui como crianças” (BORGES, 2017). Essa afirmação nos convida a reconhecer que a infância é atravessada por uma intensa capacidade de perceber o mundo de maneira ampliada, conectando o presente vivido com experiências sensoriais, afetivas e imaginativas. Diante disso, podemos nos perguntar: quando foi que deixamos de procurar o inédito no cotidiano? Porque quando crianças, o fazemos todos os dias — e é justamente nesse ponto que suas experiências se aproximam da arte contemporânea.

A arte contemporânea rompe com os modelos tradicionais de fruição e criação ao valorizar o cotidiano como um território fértil para a invenção e a reflexão. Os artistas contemporâneos, como aponta Canton (2011), engajam-se em ações que buscam restabelecer na arte uma conexão viva com o observador, incitando nele uma postura ativa diante do mundo e da vida. Para isso, frequentemente recorrem aos materiais mais simples — objetos ordinários, descartes, fragmentos de memória — ressignificando-os, deslocando-os, reorganizando-os. Essa operação se aproxima do faz-de-conta das crianças, que também constroem mundos a partir do que está à sua volta, mobilizando afetos, lembranças visuais e relações subjetivas.

Assim como os artistas, as crianças usam a memória afetiva e visual como motores do processo de criação, e se valem da realocação e ressignificação de materiais para expressar o que sentem, vivem e imaginam. São criadoras de universos instáveis, fluidos, marcados pela descontinuidade, imprevisibilidade, rupturas de tempo e espaço, desequilíbrio e o inesperado — elementos que também compõem a matéria-prima da arte contemporânea. Dessa forma, é possível perceber que há um profundo parentesco entre a poética infantil e os procedimentos dos artistas contemporâneos: ambos compartilham uma sensibilidade atenta à potência do agora, ao fragmento, ao encontro e à transformação.



Na infância, a arte desempenha um papel fundamental na construção de identidade e formação do pensamento das crianças. Nesse sentido, a produção artística das crianças não deve ser reduzida a uma atividade ilustrativa ou meramente lúdica. Ao contrário, ela carrega uma densidade expressiva que se manifesta por meio das formas, cores e gestos que revelam modos singulares de percepção e vivência. Como afirma Andressa Thaís Bertasi e Rodrigo Saballa de Carvalho (2017, p. 77), “é possível perceber como elas pensam sobre a cultura, a história e a sociedade, caracterizando seu ponto de vista e deixando marcas por meio dos seus traçados.”. Os desenhos, pinturas, colagens e demais produções das crianças, portanto, podem ser compreendidos como registros sensíveis de seu pensamento em imagem, atravessando por suas memórias, experiências e relações com o mundo.

Nessa perspectiva, parece se estabelecer uma importante interlocução com a arte contemporânea, que também busca instaurar modos de ver e sentir não predominantes, abrindo espaço para o estranhamento, a escuta e a multiplicidade de sentidos. Um exemplo significativo dessa afinidade pode ser observado na obra *O primeiro voo do pássaro azul* (1990), da artista Regina Ohlweiler. A pintura, marcada por gestualidade livre, uso expressivo da cor e ausência de formas figurativas reconhecíveis, convoca o olhar a habitar o território da imaginação e da subjetividade — o mesmo espaço simbólico e afetivo que as crianças ocupam quando desenham, pintam ou colam.

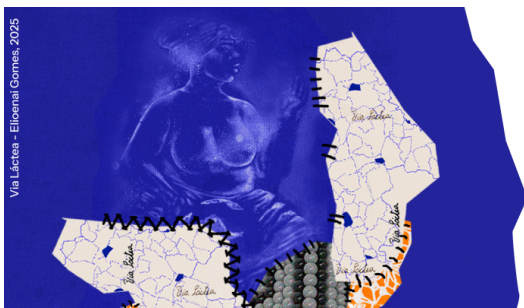
Figura 1 – O primeiro voo do pássaro azul, de Regina Ohlweiler (1990)



OHLWEILER, Regina. O primeiro voo do pássaro azul. 1990. Óleo sobre tela, 150 x 200 cm.

Fonte: WIKIPÉDIA. Ficheiro:Acervo_sel_01395.jpg. Disponível em:

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Acervo_sel_01395.jpg. Acesso em: 30 jun. 2025.



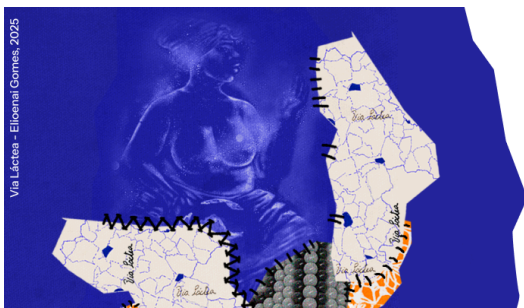
O título da obra evoca uma narrativa poética invisível, assim como as produções infantis frequentemente fazem ao nomearem suas criações com histórias implícitas, fabulações e metáforas próprias. O que se vê na tela não é um pássaro literal, mas o traço de um voo sensível que se torna visível apenas para quem se dispõe a imaginar. Essa mesma lógica de invenção aberta está presente na criação artística das crianças, onde gesto, cor e composição não obedecem a normas acadêmicas, mas expressam vivências internas em linguagem visual.

Bourriaud (1998, p. 149) compreende o gesto como um “movimento do corpo que revela um estado psicológico ou pretende exprimir uma ideia”, mas, em sua proposta de estética relacional, esse gesto se amplia — não se trata apenas de expressão interior, mas de um ato de relação com o mundo e com o outro, que produz sentido na interação. Esse entendimento dialoga com mudanças importantes no campo da arte-educação desde os anos 1970, quando se começa a questionar a ideia de expressão como simples exteriorização da interioridade do sujeito. Como apontam os escritos de Ana Mae Barbosa (1982; 1994; 1998; 2001), há uma transição do enfoque na expressão individual para uma compreensão mais ampla da produção artística como construção cultural, crítica e situada. Assim, tanto em Bourriaud quanto nas propostas de arte-educadoras brasileiras, o gesto deixa de ser visto como uma manifestação isolada e passa a ser reconhecido como parte de um processo relacional, histórico e coletivo.

Quando colocamos a criação infantil lado a lado as práticas dos artistas contemporâneos, como a de Regina, não se trata de forçar uma equivalência formal, mas de reconhecer afinidades nos modos de produção: ambos podem romper com a linearidade e previsibilidade, operando com liberdade simbólica e potência poética. Crianças, assim como artistas contemporâneos, elaboram mundo a partir daquilo que as atravessa – e esse atravessamento se transforma em linguagem visual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação entre a Estética Relacional e as práticas artísticas na Educação Infantil revela mais do que semelhanças expressivas: aponta para um horizonte de



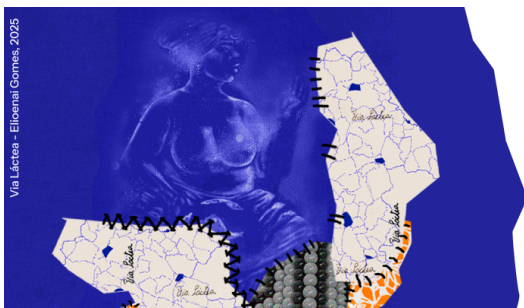
transformação nas abordagens pedagógicas e na compreensão do fazer artístico em contextos educativos. Reconhecer as crianças como sujeitos ativos na construção de relações estéticas implica a necessidade de repensar as metodologias e as práticas de mediação da arte. É fundamental criar ambientes de aprendizagem que estimulem o encontro, a experimentação e a abertura ao imprevisível, valorizando o processo criativo enquanto espaço de convivência e troca.

Essa perspectiva desafia o modelo tradicional que tende a reduzir a produção infantil a apenas como uma fase inicial, um preparo ou ensaio para a “arte de verdade”, propondo uma compreensão ampliada da arte como campo de construção cultural, crítica e afetiva. Ao deslocar o foco da obra para a relação, abre-se a possibilidade de valorizar os processos coletivos, as múltiplas subjetividades e os sentidos emergentes da interação, tornando a arte uma ferramenta poderosa para a formação integral das crianças. Logo, a incorporação do olhar da Estética Relacional nas práticas educativas reforça a importância de uma educação que dialogue com as experiências sociais, históricas e culturais das crianças, promovendo a escuta sensível e o respeito à diversidade de modos de ver e sentir.

Por fim, esse diálogo entre arte contemporânea e infância amplia o conceito de arte na escola para além da mera produção de objetos estéticos, posicionando-a como um território dinâmico de invenção, escuta e convivência. É um convite a reconhecer a infância como um campo fértil para a criação representativa, onde o gesto, a cor, o espaço e o tempo são permeados por sentidos múltiplos e potenciais transformadores. Nesse sentido, a experiência artística na Educação Infantil torna-se uma prática que não só reflete o mundo, mas participa ativamente da sua reconstrução simbólica e cultural.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o ensino da arte no Brasil. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BERGSON, Henri. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANTON, Kátia. Ação e experiência na arte contemporânea. In: CANTON, Kátia (Org.). Temas da arte contemporânea e mundo do artista. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 45-67.

BERTASI, Andressa Thaís Favero; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. As produções gráfico-plásticas das crianças. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (Orgs.). Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 75 - 88.

BORGES, Camila Bettim. Respingos, colagens, vozes, sensações.... In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (Orgs.). Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 65 - 74.

CUNHA, Maria Eduarda Rangel Vieira da. Visitando e criando a partir de uma exposição de arte contemporânea. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (Orgs.). Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 51 - 64.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Sobre carrinhos, bagagens e viagens: diálogos entre artes plásticas, infância e pedagogia. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (Orgs.). Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 5 - 8.

OHLWEILER, Regina. *O primeiro voo do pássaro azul*. 1990. Óleo sobre tela, 150 x 200 cm. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Acervo_sel_01395.jpg. Acesso em: 30 jun. 2025.

TIRAVANIJA, Rirkrit. *Untitled (Free)*. 1992. Instalação (cozinha e refeição servida ao público). Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/147206>. Acesso em: 30 jun. 2025.